

## **APRESENTAÇÃO**

Adalberto Rafael Guimarães e Ilca Vieira de Oliveira, em “*Cartas perto do coração: a construção da identidade na escrita de si de Fernando Sabino e Clarice Lispector*”, discutem as cartas como veículo de subjetividade e criação poética da imagem do eu e verificam como Fernando Sabino e Clarice Lispector se apropriam do discurso literário, se oferecem ao olhar do outro e, assim, constroem suas imagens a partir de seus cotidianos.

Geraldo da Aparecida Ferreira, em “Entre a memória e a autobiografia: notas de leitura do livro *Confissões*, de Darcy Ribeiro”, apresenta algumas passagens desse livro, e estabelece uma discussão com posicionamentos de estudiosos – como Philippe Lejeune, Paul de Man e Pozuelo Yvancos – que têm trabalhos importantes sobre o tema da escrita autobiográfica.

Laura Janina Hosiasson, em “María Luisa Bombal e Clarice Lispector: encontros e traduções de uma mesma sensibilidade”, propõe-se a apresentar a escritora chilena, María Luisa Bombal (1910-1980), ainda bastante desconhecida em âmbito brasileiro e cuja obra acabou de traduzir (Cosac&Naify, 2013). Alguns temas, motivos e procedimentos característicos destas duas escritas desenham uma linha de contato que espanta e alegra.

Luiz Lopes, em “Clarice Lispector: literatura e riso”, estabelece um diálogo entre a literatura de Clarice e o pensamento de Nietzsche, partindo de um texto de Deleuze no qual o filósofo esbarra na questão do riso, ao comentar a escrita de Nietzsche.

Mannuella Luz de Oliveira Valinhas, em “História, ciência e práticas nobiliárquicas no primeiro romance de autoria brasileira”, afirma que Tereza Margarida da Silva Orta, n’*As Aventuras de Diófanos – máximas da virtude e da formosura*, relaciona as ideias de nobreza meritocrática (Verney) com os ideais de nobreza heróica (Matias Aires) e ainda advoga o agraciamento da distinção nobiliárquica aos grandes homens de ciência como forma de elevação moral da sociedade.

Maria Augusta da Costa Vieira, em “O mito de Dom Quixote no Brasil e algumas reescrituras cervantinas”, discute como o *Quixote* se difundiu em terras brasileiras por intermédio do mito criado em torno do cavaleiro. A análise da recepção da obra cervantina no Brasil supõe o estabelecimento de alguns critérios que possam distinguir orientações diferenciadas dentro de um conjunto de manifestações.

Rodrigo Felipe Veloso, em “Eu, alquimista de mim mesmo: experiências de uma viagem em *A paixão segundo G.H.*”, analisa o romance *A paixão segundo G.H.* sob a ótica da alquimia de Carl Gustav Jung, uma vez que a protagonista utiliza do processo alquímico para conhecer a si mesma.

Os editores,  
Osmar Oliva  
Elcio Lucas de Oliveira